



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O ROMPIMENTO DO ESTEREÓTIPO FEMININO EM *ORGULHO E PRECONCEITO*

Autor: Élisson Vieira de Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; e-mail: elisonlima01@gmail.com

Resumo: a tradição literária, sob a influência da cultura patriarcal, tem perpetuado a repetição de estereótipos quanto à representação de personagens femininas. Basicamente, três estereótipos foram criados: a mulher sedutora, a bruxa ou megera e a mulher anjo, sendo que apenas este último traria uma conotação positiva para a personagem. Neste trabalho, exploramos os três principais estereótipos femininos criados e como eles são representados no romance *Orgulho e preconceito*, da escritora inglesa Jane Austen. Observamos também como ela rompe com a repetição de modelos femininos por meio da protagonista da narrativa sem que ela seja taxada negativamente. Com isso, concluímos que, com essa obra, a autora questiona a imposição da repetição de modelos femininos na literatura e a tentativa de homogeneização da mulher por parte da cultura patriarcal, propondo uma representação alternativa.

Palavras-chave: estereótipo feminino, personagem, romance.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Introdução

Os estudos de gênero, no que se trata do segmento referente aos escritos literários, são responsáveis por identificar em tais produções as constantes que marcam a representação feminina. Por meio dessa atividade, foi percebido que a representação feminina, muitas vezes, é marcada por características definitivas de uma normatização desse sujeito. Ou seja, há uma espécie de repetição que culmina na homogeneização da experiência da mulher. É o que chamamos de estereotipia.

No entanto, na empreitada de representar a experiência feminina de modo a escapar das convenções patriarcais que, durante tanto tempo, regiam (e, em muitos casos, ainda regem) a produção artístico-literária, algumas escritoras procuraram apresentar representações femininas alternativas. É o caso da escritora inglesa Jane Austen (1775-1817). Neste trabalho, visamos a analisar como a autora em questão lida com a estereotipia das personagens femininas em seu aclamado romance *Orgulho e preconceito*. Deste modo, objetivamos observar as características que marcam e identificam algumas das personagens femininas presentes em *Orgulho e preconceito*, mostrando como elas se encaixam nos modelos de estereótipos femininos presentes na literatura e como a protagonista da narrativa, Elizabeth Bennet, rompe com esses modelos de personagem. Para tanto, fundamentamos a presente análise em teóricos que discutem esse tema, entre os quais destacamos Zolin (2009) e Bonnici (2007).

Uma análise dessa natureza possui considerável importância para as discussões de cunho feminista, especialmente aquelas que dizem respeito às representações de gênero. Primeiramente, porque é de interesse da referida área de estudos identificar as opressões que têm pesado sobre as mulheres ao longo das épocas e questionar as convenções causadoras desse fato. Em acréscimo, a presente discussão insere-se como componente da continuação dos estudos feministas. O aspecto de representação aqui discutido é recorrente na produção literária ao longo da história. Compreendê-lo é conhecer um pouco mais das ferramentas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

patriarcais utilizadas para oprimir a mulher e dos esforços do gênero feminino para combater essa opressão.

No objetivo de analisar a estereotipia das personagens femininas de *Orgulho e preconceito*, utilizamo-nos de alguns procedimentos que permitissem o alcance dessa meta. Resumidamente, o trabalho constitui-se como resultado de uma pesquisa bibliográfica e foi executado por meio de três momentos distintos, os quais passamos a descrever.

Em primeiro lugar, ocupamo-nos da leitura de material teórico que sustentasse a análise pretendida. O contato com o material necessário surgiu por meio da realização da pesquisa intitulada “Representações do feminino na contística de Kate Chopin”, na qual participamos com recebimento de bolsa e que foi conduzida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PIBIC-UERN), sendo financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Assim, o embasamento teórico referente à representação do sujeito feminino na literatura e à estereotipia ocorrente em tais representações foi obtido, principalmente, a partir dos escritos de Bonnici (2007) e Zolin (2009).

De posse do material teórico adequado, realizamos a leitura do romance *Orgulho e preconceito*. Buscamos então, no texto, as marcas da estereotipia nas personagens femininas. Para tanto, em meio à vasta quantidade de personagens deste tipo na referida obra, selecionamos algumas que concebemos como cruciais ou de maior destaque na narrativa. Antes de mencionarmos as personagens que serão analisadas, faz-se necessário destacarmos que, para a análise pretendida, elas foram organizadas em três categorias distintas, que são os três principais estereótipos femininos mais recorrentes nos textos literários: o estereótipo de mulher sedutora e/ou perigosa e/ou imoral; de mulher como bruxa ou megera; e de mulher como anjo. Para identificar como se constitui cada um dos referidos modelos na obra, selecionamos para análise as personagens Lydia, Lady Catherine de Bourgh, Jane e, no sentido de observar a quebra da estereotipia, a protagonista Elizabeth Bennet. Essas são as principais para a análise.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Por fim, observamos como cada personagem se insere nos modelos propostos pela cultura patriarcal. Cada uma delas foi observada de modo a analisar como as suas características e a conotação que a própria obra provoca sobre o leitor com relação a elas faz com que sejam inseridas em cada modelo cristalizado. Em seguida, o foco repousa sobre a descrição de como Elizabeth rompe com a estereotipia.

O estereótipo feminino em *Orgulho e preconceito*

Inicialmente, faz-se necessário, aqui, precisarmos o conceito do que é concebido sob o termo estereotipia ou estereótipo. Bonnici (2007, p. 80) afirma que

Estereótipos são conceitos, opiniões e crenças convencionais, geralmente muito simplificadas, que supostamente tipificam e se conformam a um modelo invariável e carente de qualquer individualidade.

Deste modo, estereótipos, com relação às personagens femininas, são modelos que se repetem nas produções literárias e que se tornam convencionais. Tais modelos são marcados por características peculiares. Zolin (2009, p. 226-227) apresenta três estereótipos principais de personagens femininas recorrentes nas obras literárias: a “mulher sedutora e/ou perigosa e/ou imoral”; a “mulher como megera”; e a “mulher/anjo e/ou indefesa e/ou incapaz e/ou impotente”. Fazendo um paralelo entre os três estereótipos destacados por Zolin e as características dos estereótipos femininos apontados por Ellmann (1979 *apud* BONNICI, 2007, p. 80), podemos atribuir determinados aspectos a cada um dos três “estereótipos principais”. De acordo com Ellmann, os estereótipos femininos são marcados por: “informidade, passividade, instabilidade, recato, piedade, materialidade, espiritualidade, irracionalidade, aceitação, ser bruxa, ser megera”. Relacionando as características apontadas por Ellmann aos estereótipos apresentados por Zolin, podemos destacar características como informidade, passividade, recato, piedade, espiritualidade e aceitação como que sendo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

integrantes do modelo de mulher como anjo e/ou indefesa e/ou incapaz e/ou impotente, enquanto que características como instabilidade, materialidade e irracionalidade se aplicariam à mulher sedutora e/ou perigosa e/ou imoral e, por último, o ser bruxa ou ser megera se inserem no estereótipo de mulher como megera. É importante destacarmos que aquelas personagens que não possuem as características da mulher anjo, em sua maioria, recebem uma conotação negativa.

Tendo ciência das características que marcam a estereotipia das personagens femininas, passemos a discutir como esse efeito se dá em *Orgulho e preconceito*. Inicialmente, observemos a aplicação do estereótipo de mulher sedutora e/ou perigosa e/ou imoral. Vimos que as principais características que se aplicam a esse tipo de personagem feminina são a instabilidade, a materialidade e a irracionalidade. Essas mesmas características são facilmente observadas em uma das irmãs mais novas da protagonista Elizabeth, a jovem Lydia Bennet. Observando o enredo, percebemos a constante agitação de Lydia em busca de relacionamentos amorosos, especialmente com militares que se alojam em um território próximo ao lugar onde a família Bennet mora. Em um de seus romances, a personagem se envolve com Wickham. Desta feita, durante uma viagem a Brighton, ela foge com seu namorado (AUSTEN, 2012, p. 172), a despeito das consequências que este ato traria para sua família (IBIDEM, p. 141). As características do estereótipo citado podem ser observados em Lydia a partir das descrições dela presentes na obra. Primeiramente, sua busca constante por envolvimento amorosos e por casamento demonstra muito de sua instabilidade. Já o seu caráter materialista pode ser observado a partir de sua preocupação com a aquisição de riquezas. Sobre esse ponto, é conveniente observarmos algumas descrições sobre ela. Após o casamento entre Elizabeth e Darcy, o narrador nos conta que Lydia “não estava totalmente sem esperança de que Darcy ainda lhe pudesse ser convencido a lhe fazer fortuna” (AUSTEN, 2012, p. 228). Ademais, na carta que a própria Lydia escreve para sua irmã, é possível ler o seguinte:

É um grande conforto tê-la tão rica e quando você não tiver nada para fazer, espero que pense em nós. Estou certa de que Wickham



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

gostaria muito de um lugar no pátio e não acho que teremos muito dinheiro para viver sem alguma ajuda. Qualquer lugar serviria, de cerca de três ou quatro mil ao ano; mas, porém, não fale com o Sr. Darcy a respeito, se você já não tiver falado. (AUSTEN, 2012, p. 228, grifo da autora)

Considerando-se a consciência de Lydia com respeito à conturbada relação entre Darcy e Wickham, percebemos que a sua ânsia por bens materiais supera até mesmo o seu senso de moral. Porém, resta ainda destacarmos a questão da “irracionalidade” manifestada nessa personagem.

Duas passagens do texto destacam essa característica em Lydia. A primeira delas é proferida por Elizabeth, ao conversar com seu pai sobre o convite que a irmã recebera para ir a Brighton. Nessa ocasião, “ela descreveu a ele todas as impropriedades do comportamento geral de Lydia” (AUSTEN, 2012, p. 141). Preocupada, ela advertiu seu pai “da grande desvantagem que deverá surgir da informação pública dos modos descuidados e imprudentes de Lydia” (IBIDEM, p. 141). Temos ainda o relato sobre a “louca volatilidade, a segurança e o desdém de todos os limites que marcam o caráter de Lydia” (IBIDEM, p. 141). E, como mencionado, há ainda uma das falas do narrador em que temos mais uma definição da irracionalidade de Lydia. Após haver fugido com Wickham e ser convencida a visitar seu lar, a despeito da gravidade de seus atos e da indignação que estes poderiam ter causado em sua família,

Lydia ainda era Lydia; indomável, desavergonhada, selvagem, barulhenta e destemida. Ela ia de irmã em irmã, exigindo suas congratulações; e quando, por fim, todos se sentaram, ela olhou ansiosamente pela sala e percebendo alguma pequena alteração nela, observava, com um riso, que fazia muito tempo desde que estivera ali. (AUSTEN, 2012, p. 186)

Temos, portanto, em Lydia a caracterização da mulher sedutora. As características que marcam esse estereótipo são claramente definidas como marcadoras do caráter dessa personagem a partir das descrições que o texto nos trás sobre ela. Assim como ocorre na



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

maior parte da tendência literária, Lydia, na condição do estereótipo que ela representa, recebe, é claro, uma conotação negativa na obra em questão.

Com relação ao estereótipo de “bruxas” ou “megeras”, passemos à análise de uma das personagens da obra que se inserem nesse modelo, Lady Catherine de Bourgh. O referido modelo de caracterização de personagem pode ser marcado pelo orgulho e crueldade de modos, entre outros aspectos. A personagem citada age durante a narrativa como uma mulher imperativa e orgulhosa, exigindo que tudo seja feito da maneira que ela quer, como é expresso quando ela orienta Maria, irmã de Charlotte, sobre como organizar as malas de tal forma que a jovem senhora se sente constrangida a desfazer as malas já prontas e organizá-las novamente (Cf. AUSTEN, 2012).

Uma das passagens que melhor ilustram sua caracterização como bruxa ou megera é a que mostra sua ida à casa de Elizabeth no propósito de persuadi-la a não casar-se com seu sobrinho Darcy. Nessa ocasião, Lady Catherine de Bourgh apresenta o seu orgulho e indelicadeza, além de desconsideração pelas classes sociais mais baixas, por meio de seu discurso. Uma das falas que cabem ser destacadas aqui é aquela na qual, ao comunicar a Elizabeth sobre os planos pré-estabelecidos para que Darcy se casasse com sua filha, ela diz: “Ainda nos seus berços, planejamos a união; e agora, no momento em que os desejos das duas irmãs podem ser realizados pelo casamento, ser evitado por uma jovem de nível inferior, de nenhuma importância no mundo e totalmente desagregada da família!” (AUSTEN, 2012, p. 209).

A descrição desta personagem, e de seu respectivo estereótipo, se faz mais breve em virtude de que suas características principais são resumidamente definidas como “ser bruxa” e “ser megera”, como vimos mais acima. Portanto, sucintamente destacamos algumas das características que fazem com que Lady Catherine de Bourgh seja inserida nesse estereótipo e que, conseqüentemente, fazem com que ela seja marcada negativamente.

Neste momento, entra em discussão o único modelo de mulher reconhecido como ideal: a mulher anjo. É necessário destacarmos que esse é o único estereótipo que instiga uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

visão positiva sobre o sujeito feminino. Qualquer fuga a ele, qualquer “rebelião”, produz uma visão negativa sobre a personagem feminina.

Esse modelo de mulher anjo é claramente observado na filha mais velha da família Bennet, Jane. Entre as características desse estereótipo encontra-se a questão da piedade. Em Jane, esse aspecto pode ser visto no seu caráter, entre outras passagens, no momento em que ela tem conhecimento do boato da maldade de Darcy. Ao ser informada por Elizabeth do falso relato dado por Wickham com relação à atitude de Darcy no tocante à divisão da herança deixada por seu falecido pai, temos a descrição de que Jane persiste em defender a integridade de ambos (AUSTEN, 2012, p. 55). Essa é uma das características da mulher anjo. Ela é piedosa demais para erguer qualquer suspeita de mal da parte dos demais personagens. Em acréscimo, Jane apresenta uma das principais características da mulher anjo, que é a capacidade “de se sacrificar pelos que a cercam” (ZOLIN, 2009, p. 226), como pode ser visto no momento em que se observa que ela decide tomar conta do controle de sua casa praticamente sozinha durante um momento de dificuldade (quando Lydia havia fugido com Wickham) para não incomodar as outras irmãs (Cf. AUSTEN, 2012, p. 173). Essas são algumas das características da mulher anjo que podem ser vistas em Jane.

É importante destacarmos que essas não são características negativas ou criticáveis. O que está em questão é um sistema de organização da personagem caracterizado como homogeneizador. Todas as personagens femininas deveriam apresentar, basicamente, as mesmas características em seu caráter, ou seriam taxadas negativamente. É uma tentativa de uniformizar o sujeito feminino.

Como já vimos a manifestação da estereotipia, passemos agora a análise de como o romance de Jane Austen rompe com esse processo por meio da protagonista Elizabeth sem estimular um olhar negativo sobre ela. Porém, antes de falarmos sobre a protagonista em si, é necessário que consideremos as estratégias de quebra da tendência de estereotipar o feminino. Existem meios para romper com esses modelos pré-estabelecidos sem que haja uma má conceituação no que diz respeito à personagem que “foge dos padrões”, já que qualquer mulher apresentada como diferente do modelo de “anjo” receberia uma conotação negativa.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Uma das estratégias para romper com a estereotipia é o uso do “heroínismo” (MOERS 1977 *apud* BONNICI, 2007, p. 119), que consiste em “uma forma de feminismo literário compreendendo a heroína intelectual, a heroína apaixonada, a heroína viajante, a heroína pesquisadora”. De acordo com Moers, foi com uso do heroínismo que as escritoras de classe média, por exemplo Emily Brontë, conseguiram ultrapassar os limites dos estereótipos. Outras formas de se fugir da normatização consiste na “representação positiva através de personagens femininas fortes, independentes dos protagonistas masculinos” e também na “introdução de uma literatura que focaliza áreas específicas ou unicamente femininas (experiências de nascimento ou estupro ou de ser ignorado pelos homens)” (BONNICI, 2007, p. 28)

Sabendo disso, vejamos a personagem Elizabeth Bennet. Diferente das demais personagens femininas, que giram frequentemente ao redor do objetivo de obter um casamento, com exceção apenas de Mary, que poucas vezes possui ação durante a narrativa, Elizabeth, por sua vez, se mostra indignada com a ideia de Charlotte aceitar uma proposta de casamento unicamente para atender às convenções. Ela mesma recusa duas propostas durante a trama, uma do Sr. Collins e outra de Darcy. Com isso, Elizabeth demonstra insubordinação e uma independência que geralmente ocorre nas personagens caracterizadas como megeras ou adúlteras e acarreta em uma conotação negativa (ZOLIN, 2009, p. 226). Deste modo, ela rompe com o que se espera de uma mulher daquela sociedade, age em desconformidade com os padrões e, mesmo assim, sua independência e insubordinação aos moldes impostos não lhe atribuem uma visão de rejeição por parte do leitor, antes, demonstram um espírito revolucionário que abre novos caminhos para o conceito de felicidade no casamento.

Outra característica que faz com que Elizabeth possa fugir da estereotipia é a questão do heroínismo. A protagonista não aparece como uma personagem limitada a certo ambiente e dependente dos outros, mas como alguém inteligente, que viaja, descobre, aprende e se apaixonava. Com base nos três modelos apresentados, fica patente que a personagem classificada como a mulher ideal deveria se encaixar nos moldes da mulher como anjo e/ou indefesa e/ou incapaz e/ou impotente, sendo que qualquer mulher que fuja a esse parâmetro



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

seria classificada como imoral ou megera. No entanto, Elizabeth não se enquadra no primeiro, pois não é indefesa, incapaz ou impotente, já que mostra um senso de defesa fundamentado no seu alto grau de intelectualidade, defendendo-se assim das investidas de Darcy no momento em que eles se encontravam na residência de Bingley enquanto Jane estava enferma; rejeita tanto o pedido de casamento do Sr. Collins quanto o primeiro pedido feito por Darcy; e recusa-se a prometer que não casaria com Darcy quando a promessa foi exigida por Lady Catherine.

Além do que já foi dito com relação ao comportamento de Elizabeth no que diz respeito ao casamento, é interessante o ato de ela mesma tomar parte em uma união do gênero. A protagonista, diferente das demais, mostra certa independência dos personagens masculinos, porém se submete ao casamento. Esse acontecimento é explicado por Gilbert e Gubar (1979 *apud* BONNICI, 2007, p. 22) como uma atitude de conformismo e ao mesmo tempo subversão dos “padrões literários patriarcais”, visto que o patriarcalismo impõe o casamento com vistas ao conforto material (mesmo que isso custe o emocional) para a mulher e Elizabeth cede ao casamento. Porém a maneira como ela cede demonstra uma ligação emocional mais forte que a material. Isso aponta para a questão de se casar por amor e com o objetivo de se obter felicidade e satisfação conjugal, não por obrigação.

Há também outra forma utilizada pela autora para combater a estereotipia: a focalização de áreas específicas da experiência feminina. No âmbito espacial, grande parte do romance se passa no ambiente domiciliar, seja da própria família Bennet ou em casas de outras personagens, muitas vezes vizinhos deles, sendo esse um espaço estritamente ligado à mulher nas sociedades patriarcais. Já no que se refere à experiência feminina em si, há uma focalização, durante o primeiro baile em que Elizabeth participa juntamente com Darcy, na situação da protagonista da narrativa ao ser ignorada por Darcy. Estas, como vimos, são estratégias de rompimento utilizada pelas escritoras.

Tais estratégias utilizadas na escrita do texto e na caracterização da personagem Elizabeth permitem à protagonista ser uma heroína que não se apresenta com as



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

características da “mulher-anjo” mas que foge aos padrões estabelecidos pelo pensamento patriarcal sem receber por isso uma conotação negativa.

Conclusão

Em *Orgulho e preconceito*, Jane Austen cria uma personagem inovadora, que reflete a situação das mulheres da sociedade contemporânea à obra, mas que propõe uma nova atitude diante da subordinação que lhes é imposta, sugerindo a independência dos padrões patriarcais e a busca por identidade. Há nesta discussão grande valor para a crítica feminista, no sentido em que Elizabeth surge como uma das personagens que rompem com os padrões repetidos pelas obras literárias e o faz de modo a demonstrar independência e insubordinação, porém sem que haja uma má conceituação por parte do leitor com relação à heroína, como ocorre com a maioria das personagens que não se identificam com a “mulher-anjo”. Elizabeth Bennet pode ser assim compreendida como uma personagem que rompe padrões, que ultrapassa estereótipos.

Referências

AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. (Tradução e notas) Marcella Furtado. São Paulo: Editora Landmark, 2012.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.



**XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES**